

DERROTAR A RÚSSIA: COMO?

Por Olivier Dujardin*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Uma derrota militar total russa, defendida por muitos, impõe custos humanos, econômicos e industriais imensos, mas seus defensores não detalham a capacidade ou a disposição ocidental para arcar com o ônus.

A mídia regularmente transmite as posições de figuras políticas e midiáticas que adotam uma linha bastante dura em relação à Rússia, pedindo explicitamente sua derrota militar. Esses atores justificam sua posição apresentando-a como a única maneira de pôr fim ao que eles chamam de “imperialismo russo”. Entre eles estão Bernard-Henri Lévy¹, que pede para “quebrar o exército russo”; Raphaël Glucksmann², defensor de uma “derrota estratégica da Rússia”; Emmanuel Macron, para quem “a derrota da Rússia é essencial para a segurança da Europa”; Nathalie Loiseau³, apoiando o “esmagamento militar das forças russas” em nome da estabilidade europeia, ou Nicolas Tenzer, exigindo uma “derrota total da Rússia” e rejeitando qualquer compromisso.

No entanto, nenhum deles especifica como atingir esse objetivo. Eles propõem uma meta clara, mas evitam cuidadosamente abordar as ações concretas

¹ Bernard-Henri Lévy, francês, é escritor, diretor de teatro, cineasta, empresário e editorialista de revistas e jornais. É uma personalidade conhecida e polêmica na cena pública francesa e internacional.

² Raphaël Glucksmann, político francês, é membro do Parlamento Europeu (MEP), pela aliança S&D.

³ Nathalie Lydie Jeanne Loiseau é política e diplomata francesa. Atua como membro do Parlamento Europeu desde 2019. Foi ministra francesa de Assuntos Europeus de 21 de junho de 2017 a 27 de março de 2019.

necessárias para alcançá-la. Num momento em que a perspectiva de negociações está surgindo, estas mesmas vozes opõem-se frequentemente a elas quando implicam concessões ucranianas. Para eles, a guerra deve continuar até a capitulação total da Rússia — sem, contudo, definir os meios para reverter a dinâmica no terreno que atualmente é desfavorável à Ucrânia.

A questão aqui não é julgar a relevância dessas posições, mas examinar, com a maior objetividade possível, as alavancas concretas que tornariam possível alcançar uma derrota completa da Rússia.

DERROTAR MILITARMENTE A RÚSSIA: O QUE ISSO IMPLICA?

Para analisar esta questão, é necessário primeiro definir precisamente o que significaria uma derrota militar da Rússia. Considerando os objetivos declarados por alguns, isso exigiria que a Rússia aceitasse um armistício com condições drásticas: reduções maciças em suas forças armadas, restrições duradouras em suas capacidades de defesa e talvez até mesmo a renúncia de seu arsenal nuclear. O objetivo final seria impor à Rússia uma situação comparável à da Alemanha em 1918, quando teve que aceitar as condições do Tratado de Versalhes.

Essa perspectiva envolve vários elementos:

- Conseguir uma retirada completa dos territórios ocupados sem intervenção direta em solo russo;
- Forçar a Rússia a aceitar voluntariamente uma desmilitarização substancial;
- Possivelmente impor o pagamento de reparações de guerra;
- Manter o conflito abaixo do limiar nuclear.

A complexidade deste empreendimento é imediatamente aparente. Não seria simplesmente uma questão de empurrar o Exército russo para além das fronteiras ucranianas — por si só um objetivo considerável. A situação atual demonstra isso: apesar de ocupar cerca de 20% do território ucraniano, a Rússia não conseguiu conquistar a Ucrânia. Por outro lado, libertar esses territórios exigiria um grande esforço e seria apenas um passo preliminar para uma derrota militar completa da Rússia, no sentido entendido por seus adversários mais determinados.

SANÇÕES ECONÔMICAS: MEDIDAS COM EFEITOS LIMITADOS

Desde o início do conflito, as sanções econômicas têm sido o método de ação preferido pelo Ocidente para forçar a Rússia a ceder. No entanto, os resultados parecem ser mistos, para dizer o mínimo. Longe de provocar o colapso esperado, as sanções não conseguiram forçar Moscou a abandonar a guerra.

Essa relativa ineficiência pode ser explicada por vários fatores estruturais. Primeiro, sua aplicação continua geograficamente limitada, com um grande número de países importantes — China, Índia e Turquia — optando por não adotá-las. Em segundo lugar, a Rússia tem ativos consideráveis: um vasto

território rico em recursos naturais, uma base industrial diversificada e mecanismos comprovados para contornar restrições.

Deveríamos então imaginar sanções novas e mais drásticas? Vale a pena perguntar, mas está claro que as medidas mais importantes parecem já ter sido tomadas e é difícil ver quais novas sanções poderiam conseguir o que as outras não conseguiram. A verdadeira alavanca residiria na adesão em massa de países não alinhados, perspectiva tão atraente no papel quanto improvável na prática.

Do jeito que as coisas estão, parece ilusório confiar apenas em sanções econômicas para provocar uma derrota da Rússia. Seus efeitos, embora reais, estão chegando ao limite.

DOAÇÃO DE MAIS MATERIAL: ENTRE A ILUSÃO E A REALIDADE

A ideia generalizada de que um simples influxo de equipamento militar seria suficiente para reverter o equilíbrio de poder merece ser examinada com grande nuance. Aqueles que pedem a derrota militar da Rússia frequentemente apontam a necessidade de fornecer à Ucrânia cada vez mais tanques, aeronaves, veículos blindados e outros equipamentos.

Entretanto, essa abordagem quantitativa negligencia vários parâmetros essenciais que determinam a real eficácia do equipamento em campo.

A questão da formação do pessoal constitui uma primeira grande armadilha. Tomemos como exemplo os F-16: entregá-los em grandes números seria ineficaz sem pilotos qualificados para operá-los e técnicos capazes de fazer sua manutenção. Mas treinar um piloto de caça leva muito tempo. Da mesma forma, manter uma frota aérea operacional requer toda uma infraestrutura de suporte que não pode ser improvisada. Sem tudo isso, os F-16 seriam reduzidos ao papel de “pesos de papel”.

Os estoques americanos de equipamentos, muitas vezes apresentados como uma solução milagrosa, também representam problemas concretos. Os poucos milhares de tanques M1 Abrams disponíveis em reserva exigiriam meses de atualização antes de se tornarem operacionais. Mas, acima de tudo, essas máquinas foram projetadas para um Exército com suporte logístico particularmente extenso, com uma proporção de quatro a seis militares de apoio para um combatente. O Exército ucraniano, cuja organização se baseia em proporções muito mais modestas — entre um e três efetivos de apoio por combatente — rapidamente se veria sobrecarregado pelas exigências de manutenção e logística que este equipamento impõe.

Essa dificuldade é ainda mais agravada pela extraordinária diversidade de sistemas entregues à Ucrânia nos últimos três anos. Cada novo equipamento traz seu próprio conjunto de restrições específicas: treinamento específico, peças de reposição específicas, protocolos de manutenção exclusivos, etc. Esse acúmulo de sistemas heterogêneos, longe de fortalecer as capacidades militares, tende, ao contrário, a dispersar esforços e complicar a logística. Uma padronização

progressiva dos materiais fornecidos permitiria, no entanto, concentrar competências e simplificar consideravelmente a cadeia de manutenção.

Além das declarações de intenções, a questão das entregas de armas deve, portanto, ser abordada com um pragmatismo que muitas vezes está ausente dos discursos. Não é a quantidade de equipamento que importa principalmente, mas a capacidade de integrá-lo coerentemente ao sistema militar existente. Sem essa abordagem fundamentada, há um grande risco de ficarmos satisfeitos com gestos espetaculares, mas ineficazes, que dariam a ilusão de ação sem realmente produzir os efeitos no terreno.

DOMINAR TECNOLOGICAMENTE A RÚSSIA: UM MITO QUE NÃO RESISTE AO TESTE DO FOGO

O argumento da superioridade tecnológica ocidental atingiu o seu auge no início do conflito, quando cada nova entrega de armas era apresentada como um divisor de águas⁴ capaz de inverter o curso da guerra. No entanto, o tempo trouxe todos de volta a uma realidade mais prosaica: os tanques ocidentais queimam tão bem quanto seus equivalentes russos ou ex-soviéticos quando atingidos.

Essa ilusão tecnológica se dissipou gradualmente ao longo dos meses. Os sistemas de armas ocidentais, embora mais sofisticados, rapidamente mostraram seus limites⁵ e não trouxeram o domínio operacional tão esperado. A lacuna tecnológica, onde realmente existe, mostrou-se insuficiente para criar uma assimetria decisiva no campo de batalha. O recente confronto entre a Índia e o Paquistão desacreditou ainda mais o mito da superioridade ocidental esmagadora e universal.

No entanto, algumas figuras continuam a afirmar peremptoriamente, como o general Dominique Trinquand, que “a OTAN tem uma superioridade tecnológica esmagadora” ou como Nicolas Tenzer que “sem armas nucleares, a Rússia seria esmagada pela OTAN em poucos dias”. A conveniência dessas declarações é que é improvável que sejam testadas, pois ninguém tem qualquer intenção real de verificar sua validade em campo, mesmo independentemente do risco nuclear.

No contexto ucraniano, essa alegada superioridade tecnológica não pode, portanto, ser usada para justificar uma quantidade menor de equipamentos. Embora a vantagem às vezes exista no nível tático, ela continua sendo muito marginal para ter uma influência significativa e mensurável no terreno. A tecnologia, por mais avançada que seja, não pode ser uma solução milagrosa para a realidade brutal das relações de poder militar.

⁴ <https://x.com/PeurAvion/status/1605677836018126849>

⁵ **AVOT**, Elie. *Le char Leopard 2 face au feu : quand la réalité rattrape la légende*. Armées, 30 de maio de 2025. Disponível em: <https://armees.com/leopard-2-char-ukraine-allemanne-armee-guerre-tank/>.

O QUE A UCRÂNIA REALMENTE PRECISA?

A questão das necessidades militares ucranianas exige uma análise fria e quantificada. Para reverter permanentemente o equilíbrio de poder, a Ucrânia precisaria inicialmente de um influxo maciço de combatentes. Meio milhão de tropas adicionais seria o mínimo necessário para considerar operações ofensivas significativas. Sejam essas tropas oriundas da mobilização ucraniana ou de contingentes estrangeiros, seu treinamento e equipamento representam desafios consideráveis.

Para especialistas como pilotos de caça, o tempo de treinamento se estende por três a cinco anos, tornando ilusória qualquer solução rápida.

Os requisitos de *hardware* são igualmente colossais. Seriam necessários vários milhares de tanques e peças de artilharia, pelo menos 200 aviões de combate adicionais e um grande número de sistemas de defesa aérea. Mas essas quantidades excedem em muito os estoques disponíveis na Europa Ocidental, mesmo que esgotem completamente os exércitos europeus. Seria, portanto, necessário reiniciar linhas de produção que hoje foram em grande parte desmanteladas, com os atrasos, as limitações de formação dos trabalhadores e os custos que isso implica.

Mas vamos supor que essas condições sejam atendidas: um Exército ucraniano reforçado, bem comandado e bem equipado provavelmente poderia repelir as forças russas atualmente posicionadas. Mas essa projeção ignora a capacidade de Moscou de responder com uma mobilização equivalente. A mobilização de mais 500.000 homens está perfeitamente ao alcance da Rússia, já que suas reservas demográficas são muito maiores do que as da Ucrânia. Como resultado, essa vantagem quantitativa provavelmente seria apenas temporária e dificilmente levaria as forças russas de volta para fora das fronteiras da Ucrânia.

Para realmente forçar a Rússia a negociar a partir de uma posição de fraqueza, seria preciso mirar muito mais alto. Uma força de três milhões de homens teria, de fato, o potencial de esgotar as capacidades de mobilização russas ao longo do tempo, mas tal esforço excederia apenas os recursos ucranianos. Isso envolveria necessariamente o envio em massa de contingentes europeus, mesmo sob a cobertura de “voluntários” ou legiões estrangeiras. O esforço industrial correspondente — com um aumento de 100 vezes em certas capacidades de produção — exigiria vários anos de reorganização total do aparato de defesa europeu, anos durante os quais a guerra continuaria...

Essas estimativas destacam a enorme lacuna entre declarações políticas e realidades militares. A derrota da Rússia, embora teoricamente possível, exigiria recursos e determinação que as democracias ocidentais nunca demonstraram antes em um conflito dessa natureza.

A RÚSSIA PODE REALMENTE SER DERROTADA?

A resposta teórica é sim. Uma estratégia que vise restringir militarmente a Rússia sem ultrapassar o limiar nuclear é concebível. Mas essa possibilidade vem

acompanhada de realidades que merecem ser claramente declaradas, sem mencionar que ela se baseia na suposição de que nenhum outro estado estrangeiro virá fortalecer a Rússia. É óbvio que se a Coreia do Norte e/ou a China decidissem se envolver massivamente com os russos, o equilíbrio de poder ficaria completamente perturbado.

O preço a pagar seria exorbitante em todos os aspectos. Humanamente, em primeiro lugar, com centenas de milhares, até milhões de vidas sacrificadas. Economicamente, então, através de uma mobilização industrial sem precedentes desde a Segunda Guerra Mundial. Politicamente, finalmente, através de uma transformação profunda das sociedades ocidentais que teriam que aceitar uma economia de guerra prolongada.

O tempo necessário — entre cinco e 10 anos — acrescenta uma dimensão essencial ao problema. Durante todo esse período, seria necessário não apenas construir essa força militar titânica, mas também manter o apoio à Ucrânia, esperando que o país resistisse durante esse período, em uma guerra de atrito que continuaria a sangrar ambos os lados.

Esta observação levanta uma questão importante: aqueles que pedem a derrota total da Rússia realmente mediram o que isso implicaria? Enquanto eles examinam esperançosamente todos os sinais de fraqueza na economia russa, cujo colapso iminente eles vêm prevendo desde 2022, eles têm certeza de que nossas próprias sociedades poderiam suportar tal esforço sem entrar em colapso primeiro? O paradoxo seria cruel se o Ocidente sucumbisse ao teste que quer impor ao seu adversário.

Além dessas posições, um requisito é essencial: quem estabelece objetivos ambiciosos deve assumir integralmente as consequências. Derrotar a Rússia não é simplesmente uma questão de vontade política, mas um desafio multidimensional cuja escala excede tudo o que a Europa viu por gerações.

Na análise final, todos podem julgar se este projeto é realista ou não, desejável ou não. Mas uma coisa é certa: continuar a guerra sem ter explicado claramente suas verdadeiras implicações é imprudente. Hoje, a clareza talvez exija menos certezas e mais transparência sobre o que cada objetivo anunciado realmente implica.

Publicado no [Cf2R](#).

****Olivier Dujardin** é pesquisador associado do Cf2R (Centre Français de Recherche sur le Renseignement), chefe da seção de tecnologias e armamentos e consultor independente. Ele tem mais de 20 anos de experiência em guerra eletrônica, processamento de sinais de radar e análise de sistemas de armas. Ocupou cargos operacionais em guerra eletrônica, no estudo de sistemas de radar, guerra eletrônica e análise e coleta de sinais eletromagnéticos. Ele também ocupou o cargo de especialista técnico em sistemas de coleta SIGINT.*
